

Tenho certeza de que Maria Candida Bordenave exerceu uma influência positiva e benéfica na vida de muitos alunos, colegas e amigos. Comigo não foi diferente. Na verdade, sua influência em minha vida profissional e, por extensão, pessoal foi muito mais intensa do que ela talvez imagine.

Conheci Candida quando eu era estudante de Letras na PUC-Rio. Dentre as várias opções de encaminhamento profissional, dentre as várias dúvidas que sempre nos acometem ao escolhermos a atividade que nos vai acompanhar vida afora, descobri a tradução. Candida me apresentou à Tradução. Foi amor à primeira vista. Naquele momento de (in)definição, ela me ajudou a encontrar aquilo que eu realmente gosto de fazer, talvez porque aquilo era o que ela realmente gostava de fazer. Com a descoberta da tradução como profissão, aprendi com Candida, além dos ensinamentos técnicos, outras lições de vida, tanto no plano profissional quanto no pessoal: a necessidade de autocrítica constante, já que o tradutor não pode se dar ao luxo de aceitar seu primeiro pensamento, seja em termos do léxico ou da sintaxe, como o melhor ou o derradeiro; a importância da língua-meta, já que a língua de chegada passa a ser a ponte final entre o texto do autor e o leitor; a consciência de que não há versão perfeita, já que fatores e valores culturais acabam sempre interferindo na leitura que fazemos de um texto; e o entendimento de que a atividade tradutória não é necessariamente uma forma de isolamento, já que as discussões entre os colegas nos faziam ver o texto ou o assunto em pauta com novos olhares.

O segundo momento decisivo da influência de Candida aconteceu depois que eu já tinha me formado e já trabalhava como tradutora. Um fato na vida de Candida levou-a, novamente e sem se dar conta, a provocar uma mudança na minha vida. Em final de 1979, Candida foi eleita Diretora do Departamento de Letras. Certamente, seria uma fase importante em sua vida profissional – ela, que sempre tivera uma atuação bastante política, no sentido amplo do termo, com seus ideais de democracia e solidariedade. Ao assumir a Direção do Departamento, Candida me chamou para assumir o curso de Estágio de Tradução, do qual ela teria que abrir mão em função do novo cargo. Foi então que, novamente graças à Candida, fui apresentada à carreira acadêmica, dessa vez pelo outro lado, não mais como aluna, mas como professora. E descobri que a Licenciatura que eu tinha cursado concomitantemente com a Tradução também me abriria caminhos que não imaginava. Por causa desse convite, aprendi mais e pude colocar na prática o que tinha aprendido nas aulas de Candida e de outros professores na graduação: o prazer de lecionar, de manter contato com os alunos, de ter a possibilidade

de fazer a diferença na vida deles, em menor ou maior grau; a satisfação de pesquisar de uma forma mais ampla, além dos horizontes do texto a ser traduzido; o sabor das discussões com os colegas, abrindo a possibilidade de encontrar novos olhares, novas maneiras de encarar fatos e eventos.

A terceira vez que uma decisão sua transformou a minha vida foi quando, ainda sendo ela diretora do Departamento de Letras, Candida me chamou para ser Coordenadora de Graduação, da área de Línguas Estrangeiras. Novos desafios, novos aprendizados, novas descobertas. Dessa vez, Candida me apresentou ao mundo da administração acadêmica, que se tornaria uma constante em minha vida profissional na PUC a partir dali. E, com a nova convivência, vieram também novas lições: a preocupação de contemplar todos os fatores envolvidos em decisões que afetavam não o Departamento de forma genérica, mas principalmente as pessoas que dele faziam parte; a opção pela negociação democrática e a diplomacia; e a importância da tolerância diante de ações que não apresentavam o resultado esperado.

Enfim, foram muitas as lições que aprendi com Candida nas várias reviravoltas de nossas vidas. A partir das fases descritas aqui, tomei novos rumos. Continuei na carreira acadêmica, continuei assumindo cargos administrativos, continuei no magistério e na pesquisa, mas me afastei da tradução. Enveredei, via tradução por máquina, pelos caminhos da Linguística Computacional. Hoje, quando ambas já nos aposentamos, voltei ao meu primeiro amor profissional e à prática da tradução.

Mas o mais importante é que as lições ficaram, assim como a grande admiração que sentia e sinto por ela. E, mais do que tudo, ficou a gratidão, por todas as oportunidades, por todos os ensinamentos, por toda a generosidade.

Obrigada, Candida, tradutora e mestra de todos nós.

Maria Carmelita Padua Dias

